



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: bright colors, queer bodies and subjectivities, futurism, utopia

(FÉ)STA DA CHIQUITA NO CÍRIO DE NAZARÉ: DIVERSIDADE, LUTA E DEVOÇÃO LADEANDO O TEATRO DA PAZ*

Bartos Batista Bernardes  [0000-0002-0370-9280](https://orcid.org/0000-0002-0370-9280)
Instituto Federal do Piauí (IFPI), Teresina, Brasil

José Alfredo Oliveira Debortoli  [0000-0001-5277-0523](https://orcid.org/0000-0001-5277-0523)
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Brasil

Resumo

Este estudo procurou compreender os sentidos que emergem das experiências socioculturais, políticas e econômicas da Festa da Chiquita, contextualizada no Círio de Nazaré, ao entrelaçar a devoção e o divertimento. Foi possível identificar peculiaridades do Círio de Nazaré e sua relação com outros movimentos, não necessariamente religiosos, tendo como protagonista a Festa da Chiquita. Essa festa da diversidade abraça o público LGBT, conectando o lazer a importantes movimentos mobilizadores de lutas em prol de direitos para essa comunidade. Norteada por uma pesquisa de campo, com observação participante, este artigo contemplou entrevistas com 8 pessoas, entre 19 e 70 anos, ao longo dos anos 2021 e 2022. A perspectiva foucaultiana de poder destacou-se durante a análise do material. Nas considerações, foi possível compreender que o entrelaçamento de aspectos como lazer e devoção faz da Festa da Chiquita um importante acontecimento cultural e político, com alertas contundentes na luta pelos direitos da comunidade LGBT. Desse modo, ficou evidente a constante necessidade de políticas públicas em prol da população LGBT, inclusive quanto a manutenção dos benefícios já adquiridos. Considerou-se ainda que o reconhecimento da Festa da Chiquita, pela organização do Círio, seria de grande valia como fortalecimento no combate ao preconceito.

Palavras-chave

Festa da Chiquita; Círio de Nazaré; diversidade; devoção; luta social.

CHIQUITA FESTIVAL AT THE CÍRIO DE NAZARÉ: DIVERSITY, STRUGGLE AND DEVOTION FLANKING THE THEATER OF PEACE

Abstract

This study sought to understand the meanings that emerge from the sociocultural, political and economic experiences of the Chiquita Festival, contextualized in the Círio de Nazaré, by intertwining devotion and fun. It was possible to identify peculiarities of the Círio de Nazaré and its relationship with other movements, not necessarily religious, having as protagonist the Chiquita Festival. This festival of diversity embraces the LGBT public, connecting leisure to important mobilizing movements for the rights of this community. Guided by field research, with participant observation, this article included an interview with 8 people, between 19 and 70 years old, between 2021 and 2022. The Foucauldian perspective of power stood out during the analysis of the material. In the considerations, it was possible to certify that the intertwining of aspects such as leisure and devotion makes the Chiquita Festival an important sociocultural and political symbol, with strong warnings in the fight for the rights of the LGBT community. Thus, the constant need for public policies in favor of the LGBT population became evident, including the maintenance of the benefits already acquired. It was also considered that the recognition of the Chiquita Festival, by the organization of the Círio, would be of great value as a strengthening in the fight against prejudice.

Keywords

Chiquita Festival; Círio of Nazareth; diversity; devotion; social struggle.

Submetido em: 28/10/2023
Aceito em: 29/11/2023

Como citar: BERNARDES, Bartos Batista; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. (Fé)sta da Chiquita no Círio de Nazaré: diversidade, luta e devoção ladeando o Teatro da Paz. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. e48569, jul./dez. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

* Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – COEP da UFMG, em 16 de dezembro de 2020, inscrito sob o CAAE nº: 38416520.5.0000.5149.

1. O improvável encontro entre o Círio de Nazaré e a Festa da Chiquita

Considerada uma das maiores manifestações religiosas do Brasil e do mundo, o Círio de Nazaré é uma festa bisseccular que ocorre anualmente no segundo domingo do mês de outubro, na cidade de Belém, capital do Pará. É nesse dia que a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré percorre cerca de 3,5km pelas avenidas centrais da cidade, em direção à Basílica Santuário de Nazaré.

Uma reunião de pessoas com diferentes identificações, orientações sexuais, classes sociais e práticas religiosas se fazem presentes de uma forma bastante evidente, expressando o caráter plural e ecumênico que o evento possui. Montarroyos nos conta um pouco dessa história:

Instituído em 1793, ainda no período colonial brasileiro, por iniciativa dos colonizadores portugueses, o Círio é a maior procissão católica do planeta, reunindo mais de 2 milhões e 300 mil pessoas. Na caminhada dessa procissão, os devotos acompanham a berlinda dourada sobre rodas que contém a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro.¹

A magnitude do Círio é inexplicável, sendo difícil expressar por meio de palavras todos os aspectos emocionais de energia e devoção que orbitam sobre a festa. Uma das pessoas representantes da organização do Círio, assim descreveu esse evento:

O Círio é um [...] espetáculo de fé, de devoção, sobretudo de gratidão, uma coisa única no mundo, a maior festa religiosa católica do planeta. [...] Um espetáculo que eu costumo dizer que traduz a alma do paraense. Não tem limites, não tem restrições, não envolve só católicos, não envolve só marianos, não tem restrições de credo, de raça, de cor, de gênero.²

A Festa do Círio é repleta de procissões, cada uma com suas especificidades, o que atesta uma particular dinâmica ao evento. Tem romaria para todos os gostos, a exemplo da Romaria da Juventude, Romaria Rodoviária, Motorromaria, e das três procissões mais importantes em termos de demanda popular e jornalística: o icônico Círio Fluvial, a trasladação do sábado à noite, e o cortejo do Círio no domingo pela manhã.

A organização dessas romarias fica por conta da Guarda de Nazaré, *“envolvendo cerca de 2000 homens de todas as classes sociais, de juízes a garis, todos irmanados”*.³ Chama a atenção que, apesar da Festa do Círio ser protagonizada por uma mulher – Nossa Senhora de Nazaré, patrona da Amazônia – a Guarda que a organiza é composta exclusivamente por homens, não possuindo pessoas do gênero feminino dentre seus colaboradores.

Ressaltamos que vivemos um tempo de transformação, onde a pauta da igualdade de gênero tem acendido profundas discussões na sociedade. Desse modo, a presença feminina, em todas as conjunturas, deve ser objetivamente não apenas respeitada, mas estimulada. Foucault ressalta que vivemos uma moral que não é voltada às mulheres, mas

¹ MONTARROYOS, *Veado e veadeiros na procissão do Círio de Nazaré*, p. 3.

² Fragmento de entrevista com Seu Luiz, em fev. 2021.

³ Fragmento de entrevista com Seu Luiz, em fev. 2021.

uma moral de homens que desconsidera essas mulheres, "uma moral pensada, escrita, ensinada por homens" e a eles endereçada.⁴

É importante que tradições com características restritivas sejam repensadas, refletindo outras possibilidades que promovam o acolhimento de novos atores. Nesse caso em especial, por toda a representatividade que estaria contida num ato não apenas de valorização e respeito ao gênero feminino, mas também pela oxigenação que a Guarda obteria, ao desfrutar das competências, talentos e sabedorias femininas. Não há mais cabimento para discriminação religiosa para com as mulheres, que historicamente têm sofrido misoginia nesse campo, que as coloca em situação de subserviência, já que os espaços públicos têm sido majoritariamente ocupados pelo gênero masculino.

O Círio conecta seres humanos em toda a sua rica diversidade, sendo um espaço possível para qualquer manifestação do sagrado. Uma reportagem de Mayra Monteiro ilustra que "popular, plural e diversificado, o Círio de Nazaré é de todos os credos e manifestações de fé. Entre os romeiros, participam das procissões devotos de outras religiões, sobretudo de matriz africana, espíritas e ciganos [...] uma festividade ecumênica".⁵

Essa fé católica que acontece em Belém reforça a tradição ocidental de se festejar os santos. Perez aponta que as "festas religiosas são as atividades urbanas mais antigas do Brasil. Até o século XIX foram os acontecimentos culminantes da vida social de nossas cidades".⁶ Essa autora explica que:

Procissão é um cortejo de corpos individuais, marchando corpo a corpo, criando um corpo coletivo. Corpos em desfile, constituindo um corpo processional. Um corpo constituído a partir de vários corpos, que se ligam por sentimentos e por emoções comuns. [...] Uma corporação: corpo/coração em ação. Corpo-r-ação/Cor-p-ação.⁷

Tanto na trasladação quanto no Círio, é possível perceber a forte emoção dos fiéis, sobretudo dos romeiros que, praticamente esmagados, vão segurando a tradicional corda, pagando promessas, numa manifestação de fé aliada à resistência física.

O Círio é uma festa que demonstra a forte religiosidade do povo paraense, mas que também consegue se estabelecer para além dos rituais litúrgicos, uma vez que inúmeras festas não religiosas ocorrem em abundância no mesmo final de semana. São eventos de toda sorte, desde os voltados eminentemente para a cultura local como os shows de carimbó e de aparelhagens, até os artistas de notoriedade nacional que se apresentam nas diversas casas de espetáculos espalhadas por Belém.⁸ Uma cidade que transborda cultura, espraiando significados, os mais distintos, através de sua pluralidade característica.

Além desses, há ainda importantes eventos tradicionalmente associados ao Círio, que embora não façam parte do calendário oficial da festa religiosa, se constituem como

⁴ FOUCAULT, *A história da sexualidade II*, p. 29.

⁵ MONTEIRO, *Círio é festa popular, plural e diversa*, p. 71.

⁶ PEREZ, *Festa, religião e cidade*, p. 109.

⁷ PEREZ, *Festa, religião e cidade entre Brasil e Portugal*, p. 16.

⁸ O carimbó é um gênero de música e dança popular da região Norte do Brasil, tendo origem no sincretismo entre as culturas indígena, africana e ibérica. Também conhecido como "samba de roda do Marajó" (GABBAY, *Representações sobre o carimbó*, p. 2). Por sua vez, as aparelhagens são empresas de sonorização voltadas especialmente para a realização de festas de brega, suportada por equipamento sonoro e seu operador (o DJ), possibilitando o uso de diversos recursos e alta qualidade na emissão musical (COSTA, *A festa dentro da festa*, p. 95).

forças culturais inevitavelmente a ela indexadas, a exemplo dos três mais emblemáticos: O Auto do Círio, o Arrastão do Pavulagem e a sofisticada e insubmissa Festa da Chiquita, esta que há 45 anos celebra a diversidade na Praça da República, nas imediações do centenário Teatro da Paz.

A Festa da Chiquita representa um dos importantes eventos que ocorrem paralelamente aos rituais litúrgicos da quadra nazarena, tendo ainda um caráter politizado na luta pelos direitos das minorias, sobretudo o público LGBT. Um dos organizadores da Festa, assim a apresenta:

A Festa da Chiquita [...] é um evento que celebra e reafirma a nossa cidadania no momento do Círio de Nazaré. [...] É uma questão mais de resistência, porque a gente sabe que até mesmo a própria igreja católica, ela resiste à nossa existência [...] A gente tá ali todo ano dizendo que a gente vai ficar, que a gente não vai voltar pra trás, que a gente não vai voltar pro armário... E ela é mais isso, esse momento de [...] celebrar o nosso orgulho, nossa cultura e a nossa diversidade na Quadra Nazarena.⁹

A complexidade da Festa do Círio de Nazaré enseja uma série de possibilidades de estudos, e a Festa da Chiquita, que é uma verdadeira celebração à diversidade sexual, insere-se nesse contexto. Foi nessa teia espetacular de relação entre o sagrado e o profano, a devoção e o divertimento e os diversos elementos que a permeiam, que construímos as bases deste estudo.

Este estudo se estabeleceu tomando como centralidade o método da pesquisa de campo, em uma abordagem qualitativa, utilizando-se da análise de discurso para tratamento dos relatos que emergiram durante as entrevistas. A observação participante foi utilizada visando uma melhor comunicação, interação e compreensão dos discursos expressos pelos sujeitos convidados a contribuir com este trabalho durante os Círios de 2021 e 2022. Foram entrevistadas 8 pessoas, com idades entre 19 e 70 anos: 1 organizadora do Círio, 1 líder da Chiquita, 1 organizadora da Chiquita, 2 devotas participantes do Círio e 3 brincantes da Chiquita.¹⁰ A perspectiva foucaultiana de poder naturalmente se destacou durante as análises, por abranger dimensões importantes deste trabalho.

Além das partes introdutória e conclusiva, este artigo se constitui em 4 seções norteadoras das discussões. A primeira, apresentando as peculiaridades da Festa da Chiquita no contexto religioso do Círio de Nazaré; a segunda dando destaque para as lutas mobilizadoras do público homossexual envolvido nessa festa; a terceira com foco nos aspectos de diversão e lazer que a festa possui; e a quarta, apresentando as peculiaridades devocionais do público da Chiquita, em meio a rejeição de parcela da comunidade religiosa local.

À luz do apresentado, este artigo objetivou compreender a relevância sociocultural e política que a Festa da Chiquita possui, ao combater o preconceito estruturado sobre a comunidade LGBT, inclusive no âmbito da expressão devocional. Por estar conectada ao Círio de Nazaré, tornou-se imprescindível o entrelaçamento de elementos como a devoção e o divertimento, o sagrado e o profano, como veremos a partir da seção seguinte.

⁹ Fragmento de Entrevista com Organização da Chiquita, out. 2021.

¹⁰ Na medida em que estes sujeitos entrarem em cena no trabalho, eles serão tratados como ORGANIZADOR (organizadores do Círio ou da Chiquita), DEVOTA (participantes do Círio), BRINCANTE (participantes da Chiquita). Tal ação visa garantir o completo anonimato àqueles que contribuíram com este estudo.

2. O sacro profano encontro entre o Círio e a Chiquita

A Festa da Chiquita, contextualizada no espetacular movimento do Círio de Nazaré, conseguiu estabelecer, não sem tensões, uma nova expressão devocional, ao levantar bem alto a bandeira que exalta a diversidade sexual. Nesse sentido, ela se constituiu como uma significativa expressão da alteridade entre o sagrado e o profano, em razão do ambiente essencialmente religioso que a cerca.

Isidoro reforça a questão heterogênea que o Círio possui,¹¹ ao agregar toda uma diversidade religiosa, profissional, sexual e de gênero. Sobre as tensões desse encontro inusitado, faremos uma abordagem pormenorizada mais adiante.

Concordando com Brito e Gomes, o espaço sagrado e o espaço profano que emergem desta relação da Festa da Chiquita no Círio de Nazaré “estão em intensa ligação e relacionados conflituosamente”.¹² Elói Iglesias, o grande protagonista dessa festa, assim a definiu:

A Chiquita é um espaço de resistência, é um território livre, você questiona isso. Queremos ser livres para amar, ser livres para nos encontrar. Porque a gente é de um tempo em que nós não conseguíamos nos reunir, porque mais de 5 pessoas, a polícia estava em cima [...].¹³

Para Rozário, o processo de organização e mobilização do movimento LGBTQIA+ no município de Belém esteve intimamente ligado à manifestação popular denominada “as filhas da chiquita”, num período que antecedeu a Constituição Federal de 1988, tornando-se um “grito dos excluídos”.¹⁴

Uma festa que se desenvolve de uma maneira espontânea, sendo costurada naturalmente ao decorrer de sua programação visivelmente flexível, oportunizando alterações de última hora, de modo a dar a chance de um maior número de pessoas dela participarem. Um dos participantes a denomina como “o Círio do LGBT”, o que é ratificado também por outros membros da comunidade que dela participam:

A Festa da Chiquita é uma homenagem ao Círio de Nazaré da comunidade LGBT [...] É uma grande comemoração. Porque como essa comunidade é alijada, ela é demonizada, então é uma forma também deles homenagearem essa relação do sagrado com o profano no Círio de Nazaré.¹⁵

Pelo que se observa, trata-se de uma festa que expressa a voz e o sotaque das minorias, àquelas que, por força do preconceito, acabam construindo uma história subterrânea, que precisa ser penetrada.¹⁶ Se um movimento gay, a exemplo das paradas

¹¹ ALVES, *O carnaval devoto*, p. 51.

¹² BRITO; GOMES, *A festa da chiquita*, p. 214.

¹³ Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, fev. 2021.

¹⁴ ROZÁRIO, *Para além das plumas e paetês*, p. 7.

¹⁵ Fragmento de entrevista com Brincante 01, out. 2021.

¹⁶ Voz ao permitir que as pautas da comunidade LGBT possam ser difundidas, cobradas e exigidas. Sotaque por essas pautas serem abordadas de uma maneira bastante particular, com todas as sutilezas características da cultura paraense, genuinamente expressadas naquele acontecimento de fé, arte, diversão e diversidade.

que ocorrem em diversas cidades brasileiras, já se constitui como um grande divisor de opiniões, imagine este ocorrendo dentro do maior evento católico do Brasil. Ele é dicotômico em sua essência.

A Chiquita, como festa irreverente que é, não poderia ter nascido em outro evento que não de um bloco de Carnaval. Concordando com DaMatta,¹⁷ a nossa sociabilidade está submetida às regras de um país carnavalizado, logo, às regras de um modelo de festa, sendo o Carnaval a maior festa brasileira, além de um modo privilegiado de dramatização da vida social. Segundo Trevisan,¹⁸ o carnaval brasileiro é uma festa gay por excelência, encontrando entre os homossexuais a sua expressão mais perfeita e desmedida.

Bakhtin elucida que a carnavalização dota o indivíduo de uma segunda vida, permitindo o estabelecimento de novas relações. Um contexto em que há uma abolição provisória de toda uma verdade dominante e de "todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus", sendo uma "autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações".¹⁹

Apesar de iniciada no Carnaval de 1976,²⁰ a Festa da Chiquita logo em seguida, em 1978, atrelou-se ao Círio de Nazaré, coincidentemente o ano do assassinato de Harvey Milk.²¹ Este foi o primeiro ativista estadunidense abertamente gay a ser eleito em cargo público e um dos responsáveis pela criação da bandeira gay com as cores do arco-íris.²² Segundo Moraes,²³ os "movimentos nos Estados Unidos, liderados por Milk e a revolta de Stonewall" também foram inspirações intelectuais para a organização da Chiquita.²⁴ Milton Ribeiro detalha a cronologia desse momento de estruturação a Festa da Chiquita:

Iniciada entre os anos de 1975 e 1976, como o nome de "Festa da Maria Chiquita", ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não-religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré.²⁵

Elói Iglesias, que participou da primeira edição da Festa da Chiquita e que a encabeça há cerca de 30 anos, nos dá detalhe sobre o momento de sua criação. Segundo ele, a Festa cresceu de forma espontânea, e foi idealizada como bloco de Carnaval em

¹⁷ DAMATTA, *Carnavais malandros e heróis*.

¹⁸ TREVISAN, *Devassos no Paraíso*, p. 363.

¹⁹ BAKHTIN, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, pp. 8-9.

²⁰ Em 2024, a Chiquita completa 48 anos de existência, em sua 47ª edição.

²¹ Harvey Bernard Milk foi um político e ativista gay norte-americano, assassinado em San Francisco em 27 de novembro de 1978. É considerado um "mártir dos direitos gays" e em 2002 foi reconhecido como "o mais famoso e mais influente político abertamente gay dos Estados Unidos" (ALTMAN, *Hoje na História*).

²² GREEN *et al.*, *História do Movimento LGBT no Brasil*, p. 437.

²³ MORAES, *Memórias de uma Chiquita Bacana*, p. 16.

²⁴ Entre 1977 e 1978, Harvey Milk encomendou (junto com o escritor Cleve Jones e o cineasta Artie Bressan), ao designer americano Gilbert Baker "a criação de um emblema unificador, reconhecível, bonito e principalmente positivo para o movimento gay", a fim de abandonar a estrela rosa outrora utilizada nos campos de concentração nazista, para rotular os homossexuais (PAIVA, *Como e porque nasceu a bandeira arco-íris do movimento LGBTQIA+Q+ e o que Harvey Milk tem a ver com isso*, s/p).

²⁵ SILVA FILHO, "Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana...", p. 198.

1976 por Antônio Bandeira, em cortejo saindo de seu próprio apartamento que ficava defronte a um presídio em Belém.²⁶

Observa-se que a canção de Caetano foi inspiração para o nome do bloco, o que é primoroso em razão da simbologia e adequação que esse poeta sempre teve, ainda que despreziosamente, com o que hoje chamamos de movimento Queer.²⁷ Adriana Nunan aponta que, no campo cultural, cantores como Ney Matogrosso e Caetano Veloso projetavam uma imagem andrógina, insinuando suas bissexualidades, o que ajudou a criar um modelo positivo,²⁸ conquistando a admiração dos fãs não apenas através da arte, mas também por seus estilos de vida, que envolviam a adoção de valores comunitários de liberdade sexual.²⁹

Essa agenda acolhida pela Chiquita, a mesma que norteia as paradas gays do mundo, tem a ver com as lutas contra o preconceito e por uma série de direitos para a comunidade LGBT. Muitos já foram adquiridos, como a possibilidade do casamento civil e da adoção. No entanto, a luta se pauta tanto na manutenção do que já foi conquistado – pois há sempre um perigo de retrocesso – quanto no seu alargamento, a exemplo da Lei que criminaliza a homofobia, que ainda não foi efetivada, mas que foi equiparada à que pune os atos de racismo, pelo Superior Tribunal de Justiça – STJ.

O fato é que se convive com o perene risco de revogação de direitos já acolhidos pelo judiciário, uma vez que os discursos religiosos ventilados no Congresso, dificultam bastante a abertura de novas conquistas, sendo opositores declarados à causa da diversidade. Silvério Trevisan aponta que chega a provocar perplexidade a maneira como os direitos LGBT foram colocados no topo das prioridades de lideranças do “fundamentalismo religioso ou não, para serem repetidamente atacados e amaldiçoados”.³⁰

No Brasil, essa luta tem uma motivação especial, pois essa dicotomia entre o sagrado e o profano, a religiosidade e a carnavalização, se reflete também no fato de termos uma agenda avançada em eventos LGBT, ao passo em que somos campeões em mortes violentas de pessoas dessa comunidade.³¹

Diante dessas negações e da ausência de um apoio autêntico, é fundamental que mais vozes com potencial disseminador em discursos pró-LGBTs tenham destaque, sobretudo no cenário político. Nessa particularidade, as últimas eleições municipais e estaduais referendaram um alcance significativo para a população LGBTQIA+. Um número expressivo e recorde de representantes dessa comunidade obteve êxito eleitoral em 2020, inclusive, posicionadas no topo das mais votadas, como os das mulheres trans Érika Hilton, em São Paulo, e Duda Salabert, em Belo Horizonte. Tal feito se repetiu em 2022, quando essas conseguiram se eleger para composição do Congresso Nacional, como Deputadas Federais. A elas, somam-se nomes importantes à causa como Viviane Reis, do Pará, e Eduardo Leite, reeleito governador do Rio Grande do Sul, sendo esta sua primeira disputa eleitoral após anunciar sua condição de LGBT.

²⁶ Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, fev. 2021.

²⁷ A canção “A filha da chiquita bacana” foi lançada por Caetano Veloso em 1977, em seu álbum intitulado “Muitos Carnavais”.

²⁸ SILVA, *Homossexualidade*, p. 33.

²⁹ GREEN *et al.*, *História do Movimento LGBT no Brasil*, p. 127.

³⁰ TREVISAN, *Devassos no Paraíso*, p. 488.

³¹ AGUIÃO, *Fazer-se no “Estado”*, p. 127.

Assim, vemos como extremamente importante essa conquista em termos de representatividade em cargos políticos, capazes de agir nessa luta em prol de direitos historicamente negados. Um espaço para discussão de questões relevantes para que a população LGBT seja cada vez mais respeitada, tendo atores escolhidos para tal finalidade, numa ocupação legítima na luta por amplos direitos sociais.

Como diz Foucault, para resistir é preciso que a resistência seja como o poder: tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele, e que, como ele, se distribua estrategicamente.³² E assim está acontecendo, atores que representam essa coragem em quebrar barreiras e alçar postos anteriormente impensáveis para membros da diversidade sexual e de gênero.

Importante frisar que vários estudiosos afirmam existir um alinhamento entre as diversas opressões e controles que cercam a sociedade. Assim, a orientação sexual se torna a cereja do bolo no processo das identidades coletivas, inclusive invocando e aprendendo com os movimentos sociais e identitários que o antecederam na arquitetura dos Direitos Humanos.³³

Nesse raciocínio, Elói nos conta um pouco a respeito da mescla entre os movimentos sociais que lutam por causas humanitárias, trazendo novos contornos para a Festa da Chiquita: "*Teve uma reciclagem, a gente acabou transformando a Chiquita. [...] Embora seja do movimento LGBTQIA+, o movimento negro e os movimentos sociais acabaram se incorporando à festa*".³⁴ Desse modo, a Chiquita não poderia fugir à luta, abraçando causas importantes, em plena sintonia com suas bandeiras, como veremos na sequência.

3. A Chiquita e suas lutas

A Festa da Chiquita propõe uma ação educativa a partir da reflexão que se provoca acerca do respeito que se deve ter com o desejo do outro, emitindo mensagens através dos corpos-bandeira e das potentes vozes protagonizadas por vários de seus participantes. Segundo um dos seus organizadores, a Festa da Chiquita:

No momento do Círio, é uma questão mais de resistência, porque a gente sabe que até mesmo a própria Igreja Católica, ela resiste à nossa existência [...] A gente tá ali todo ano dizendo que a gente vai ficar, que a gente não vai voltar pra trás, que a gente não vai voltar pro armário! E a Festa da Chiquita, ela é mais isso, esse momento de mostrar pra população, pra sociedade como um todo, que a gente existe, que a gente vai celebrar o nosso orgulho, a nossa cultura e a nossa diversidade na quadra nazarena!³⁵

Conforme Moraes, "as 'drags' em vários momentos de sua história foram confinadas a bares e marginalizadas, entendidas como uma arte que não seria digna de grandes palcos e grandes mídias, ou nem arte seria considerada, diferente do que se vê na atualidade".³⁶ Segundo esse autor, as performances da Festa da Chiquita fogem de

³² FOUCAULT, *Microfísica do poder*, p. 360.

³³ ALMEIDA, *Orientação sexual e direitos humanos universais*, p. 35.

³⁴ Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, fev. 2021.

³⁵ Fragmento de Entrevista com Organizador da Chiquita, out. 2021.

³⁶ MORAES, *Memórias de uma Chiquita Bacana*, p. 22.

“uma pedagogia do corpo, se tornando uma contravenção à norma que é imposta para a sociedade de forma geral”, um espaço subversivo que acaba por opor o que se espera de uma festa religiosa.³⁷

Daí a necessidade de um caráter educativo estar sempre contido no tecido da festa, tendo como norte a promoção de um novo horizonte nos costumes, sem com isso perder o tom lúdico e muito menos devocional que lhe é característico. Sobre os discursos de conotação política que ocorrem no evento, uma participante enfatizou que:

É super válido, super importante sempre frisar todos os movimentos políticos, todas as nossas lutas políticas no momento da festa. Porque querendo ou não, como eu falei, às vezes vai um público diferente, às vezes vai gente que não tem nem conhecimento daquilo. Estamos ali resistindo, pra mostrar que nós existimos, que nós rezamos, que nós também somos promesseiros, que nós também vamos na corda, e que nós também somos devotos de Nossa Senhora.³⁸

Uma senhora devota, participante das celebrações religiosas do Círio, se pronunciou acerca do preconceito vivenciado pelo público da Chiquita:

A Festa da Chiquita é considerada assim, festa de gente assim, sei lá! Como é que o povo fala? Festa de homossexuais. Chiquita é até um termo meio do mundo LGBTSQUIA, sei lá, coisa assim! Então acredito que eles acabam sofrendo preconceito por muitas pessoas. É aqueles nossos irmãos que têm esse tipo de opção sexual de participarem mas [...] Eu acho que isso tem que ser quebrado a cada dia.³⁹

Essa fala demonstra um pouco do descaso vivenciado pelos homossexuais, apontando um distanciamento com a causa, como no ato de falar da sigla da comunidade, incluindo letras aleatórias e sem sentido “LGBTSQUIA sei lá, coisa assim...”. Esse desrespeito, ainda que não intencional, também foi vislumbrado ao tratar como “opção” o que na verdade se trata de uma “condição” ou “orientação”, além do uso da frase “como é que o povo fala?” para mencionar a comunidade, deixando notório quão sublimada e mal compreendida, ainda é essa população.

Leite chega a apresentar a discriminação contra o LGBTQIA+ como um dos piores preconceitos, dada a intolerância, não raras vezes, já a se iniciar dentro de sua própria casa, inclusive resultando em traumáticas expulsões.⁴⁰ A organização da Chiquita destaca outros elementos constantes na esfera do preconceito, visivelmente sentidos ainda no cotidiano atual, quando essas questões já poderiam estar mais avançadas:

Na verdade, ainda é muito dolorido pra gente, infelizmente. Mesmo com toda essa abertura, com todo esse espaço que a população LGBT tem, ainda é muito complicado a gente expressar a nossa cidadania no meio dessa sociedade hipócrita que insiste em nos esconder, que insiste em nos ocultar.⁴¹

Green *et al.* mostram que conviver com as diferenças não é pensar como, mas atrair forças, encontrar a palavra que se escape às muletas dualistas, à guerra imaginária

³⁷ MORAES, *Memórias de uma Chiquita Bacana*, pp. 23–24.

³⁸ Fragmento de Entrevista com Brincante 02, out. 2021.

³⁹ Fragmento de Entrevista com Devota 01, out. 2021.

⁴⁰ LEITE, “*Impróprio para menores?*”, p. 278.

⁴¹ Fragmento de Entrevista com Organizador da Chiquita, out. 2021.

entre o "Bem" e o "Mal".⁴² Esses autores trazem o importante pensamento do advogado e ativista Roberto Iotti, ao apontar que a democracia não significa ditadura da maioria, pois o que deve prevalecer é a sua noção substantiva, de respeitar os direitos fundamentais da sociedade, garantindo, de forma contramajoritária, o benefício da não-discriminação e outros que arbitrariamente têm sido negados às minorias sexuais.⁴³

A luta contra o preconceito é eterna, no sentido de que ela permeará toda a existência das gerações atuais e até mesmo das próximas. Foucault reforça que "estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção".⁴⁴ É por isso que precisamos estar vigilantes e cada um, ao seu modo e dentro das suas possibilidades, dar sua parcela de contribuição para amenizar as tantas opressões que vivenciamos cotidianamente. O bom é que apesar de todas as vicissitudes, de todos os estigmas carregados, a irreverência será sempre a marca registrada dessa comunidade. E a Festa da Chiquita jamais seria alheia a isso. Na próxima seção, essa ludicidade ficará mais evidente.

4. Abrindo alas para a alegria: Diversão na Festa da Chiquita!

A Festa da Chiquita respira e exala diversidade. Com um público indiscutivelmente representativo da comunidade LGBT, as protagonistas da noite, as travestis e transexuais, exibem luxuosas vestimentas e performances. Literalmente, roubam a cena, transformando a Chiquita num espetáculo de muito brilho, abrindo alas para a alegria. Um momento em que as diferenças e angústias podem ser esquecidas, deixando entrar pela janela da fantasia, uma liberdade e um empoderamento raramente experimentados.

Da festa da chiquita emerge uma postura de resistência, de afirmação, sem com isso perder o tom lúdico, o clima de brincadeira e de felicidade que a envolve. Como diz Elói: "Ela faz a política do fervo, fervo é política. Então na verdade ela faz a política do prazer, do amor, e é diferente das marchas por onde você vai...".⁴⁵ Uma festa que amadureceu ao longo do seu percurso, abandonando uma vertente cercada por um nicho intelectualizado e popularizando-se muito bem acompanhada de causas sensíveis e necessárias.

Uma das participantes considera que a festa dá bastante ênfase ao público *drag*, revelando que as performances dessas *drags* são dos momentos mais aguardados por ela na festa: "Ah, eu gosto das performances de modo geral. Eu gosto muito de dança, sou da capoeira [...] então eu fico muito admirada, assim, da performance das drags mesmo, do processo de criação, fico muito encantada [...] Uma festa que vai mudando, não sendo enjoativa, com vários concursos, como a do urso, sendo inclusiva para um grande público".⁴⁶ De fato, a Festa da Chiquita se assemelha, em vários pontos, a um programa de auditório, com vários quadros distintos, onde danças performáticas, concursos, premiações, shows musicais, humor e potentes discursos de combate à homofobia se alternam durante o evento.

⁴² GREEN *et al.*, *História do Movimento LGBT no Brasil*, p. 433.

⁴³ GREEN *et al.*, *História do Movimento LGBT no Brasil*, p. 450.

⁴⁴ Foucault, *A ordem do discurso*, p. 67.

⁴⁵ Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, fev. 2021.

⁴⁶ Fragmento de Entrevista com Brincante 01, out. 2021.

Outra *drag* que também se apresentou na festa da Chiquita de 2021, discorreu em tom de liberdade, acerca da oportunidade de mostrar sua arte, sem a necessidade de se policiar, de ter que dar qualquer tipo de satisfação:

Em questão da Chiquita, ela significa a gente poder expressar nossa arte, sem rótulos, sem tá explicando nada. A gente é só ir e mostrar quem a gente é mesmo, dentro de uma... como é que posso falar? De um momento católico da cidade, a gente poder expressar nossa arte, sem rótulos, eu acho que (a Chiquita) é isso.⁴⁷

É possível sentir a emoção de uma participante ao falar da chance de brilhar no palco da Chiquita, enfatizando a mágica de quando esse momento coincide com a passagem da berlinda que conduz Nossa Senhora de Nazaré:

O show das drags encanta o público, mostra uma arte que passa o resto do ano escondida nas esquinas das festas, nos bares, dentro das boates. A Festa da Chiquita é um momento mágico porque a gente, querendo ou não, consegue sair um pouco mais da bolha LGBT, porque as vezes sempre vai um promesheiro que é curioso que nunca foi, que não é gay, e que vai lá: "hum, eu queria ver esse trabalho!" E aí, no momento que a drag pisa no palco, pra mim é o momento mais mágico da Festa da Chiquita e mais mágico se torna ainda quando ocorre no exato momento da passagem da Santa. Eu acho que é a cereja do bolo.⁴⁸

A apresentação das *drags* faz parte de um concurso que é promovido pela Chiquita, premiando a melhor performance conforme julgamento do público presente, mediante aplausos calorosos e ovações. Uma das concorrentes conta que o concurso é sua grande motivação para participar da festa: "O intuito de fazer eu participar é o concurso de drag queen. Sempre tive vontade, acompanhava pelas redes sociais. Na verdade eu era menor de idade, eu nunca podia ir pelo fato da minha idade, mas agora com 19 anos, então eu pude participar".⁴⁹

Durante a festa, a possibilidade de experimentar vivências alternativas resulta numa atípica notoriedade, dada a forma como nossa sociedade está posta, tornando marginal qualquer movimento alheio ao que está conformado. De fato, esse evento acaba apresentando essa configuração ao exhibir em praça pública algo que no cotidiano é inviável, ficando restrito a clubes fechados ou guetos que não exponham o que ainda é visto como algo errado, sujo, pecaminoso, e por isso suscetível a múltiplas violências. Acerca dessa visibilidade, uma das participantes, desse modo, observa: "Primeiro que é uma das poucas festas abertas! Praticamente a única oportunidade que a gente tem no ano de ir numa festa aberta que seja da comunidade LGBT, além das paradas. Mas são as poucas oportunidades que se tem, né?".⁵⁰

Anderson Moisés pontuou a importância da Chiquita voltar a acontecer ao lado do Bar do Parque, que é seu lugar de direito. Como ele bem lembrou "Antes de ter parada LGBT no Brasil, já existia a Festa da Chiquita! Isso aqui é mais do que uma festa... É resistência, é política... A gente merece respeito!".⁵¹ De fato, a Chiquita pode ser

⁴⁷ Fragmento de Entrevista com Brincante 03, out. 2021.

⁴⁸ Fragmento de Entrevista com Brincante 02, out. 2021.

⁴⁹ Fragmento de Entrevista com Brincante 03, out. 2021.

⁵⁰ Fragmento de Entrevista com Brincante 01, out. 2021.

⁵¹ Mestre de cerimônia responsável por apresentar os shows da Chiquita em 2021.

considerada a 1ª Parada Gay do Brasil, tendo em vista que a de São Paulo só foi ocorrer 20 anos mais tarde, e também numa praça, a Roosevelt, na região da Augusta.

As travestis e transexuais são no mundo, e em especial no Brasil, as representantes do movimento LGBT que mais são vítimas da violência e do preconceito que estão arraigados em nossa sociedade. É preciso que essas pessoas tenham a chance de redirecionar suas histórias e viver num mundo onde a morte real ou simbólica deixe de ser uma eterna tormenta. Nascimento difunde que o corpo travesti não é visto como a imagem ideal da cidade, mas se faz justamente em sua invisibilidade na paisagem urbana, nas esquinas escuras, beiras de marginais, de estradas, de portos.⁵² Nesse caminho, González explica que para a Teoria Queer o corpo também é um campo de batalha, lugar onde as marcas de poder são inscritas e muitas vezes de forma não metafórica.⁵³

Infelizmente, ainda há um longo percurso a ser trilhado, a fim de desconstruir o terreno pantanoso que foi estabelecido para essas pessoas. As ações em prol das travestis são sempre muito tensas e marcadas por recuos, retrocessos e muita hipocrisia. No Pará, a Festa da Chiquita é um símbolo incontestado de ações contra a "travestifobia", seja por seus testemunhos, por seus discursos, ou pela própria festa em si, consolidada no seio de uma importante manifestação católica. Um ativismo árduo e necessário que não pode e nem deve ser abandonado.

É reconhecido que o peso maior da LGBTfobia recai sobre os que ousam realizar a transformação de gênero, seja por fazer parte do nicho dos transexuais ou por simplesmente exuberarem-se com performances *drags*, razões pelas quais muitas vezes são tolhidos socialmente. Apesar disso, o importante é que na Chiquita, aquele pedaço, ao menos por uma noite, representa um espaço de proteção, de liberdade, de poder ser o que realmente se é, mesmo que por vezes utilizando máscaras, através das performances de gênero.

Como dizem Green *et al.*, durante o ano todo é que essas pessoas usam máscaras (ao se enfiarem dentro dos escritórios, consultórios, casas comerciais, pensões) e iniciam uma luta para o próximo Carnaval, numa relação de desprezo por tudo que as cerca.⁵⁴ Foucault destaca que em relação ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja negativa: rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento.⁵⁵ Daí a necessidade da "máscara", pois como diz Trevisan "tudo que é profundo ama a máscara".⁵⁶ Na Chiquita, através do uso da máscara, faz-se com que bandeiras importantes sejam levantadas.

Em relação ao contexto do Círio, não raras vezes, a Festa da Chiquita é vista como uma afronta, como se não houvesse possibilidade de conexão entre LGBTs e o exercício da fé. Porém, muito ao contrário disso, a devoção abunda durante toda a Chiquita, como veremos no tópico que segue.

⁵² NASCIMENTO, *A cidade no corpo*, p. 5.

⁵³ GONZÁLEZ, *Una aproximación a la teoría queer*, p. 30.

⁵⁴ GREEN *et al.*, *História do Movimento LGBT no Brasil*, p. 360.

⁵⁵ FOUCAULT, *A história da sexualidade I*, p. 91.

⁵⁶ TREVISAN, *Devassos no Paraíso*, p. 362.

5. Uma fé inclusiva: Devoção na Festa da Chiquita!

Embora imersa num contexto lúdico, exótico e até mesmo sexual, um dos aspectos que chamam a atenção na Chiquita, sobretudo para os que participam pela primeira vez do evento, é a estreita ligação da festa (e de seu público) para com Nossa Senhora de Nazaré, a rainha da Amazônia e protagonista do Círio.

Por ser considerada uma festa profana, ainda soa estranha a possibilidade de que naquele contexto tão diverso, repouse também o espetáculo da fé. Há, na verdade, além de todas as lutas que envolvem esse público minoritário em tamanho e em direitos, uma busca pelo reconhecimento de exercerem a sua fé. Os relatos reunidos durante a pesquisa de campo trouxeram importantes nuances a esse respeito, ratificando as práticas religiosas e de fé dos membros da comunidade LGBT.

Uma das travestis aborda o seu modo particular e ao mesmo tempo inusitado de expressar sua fé, o que pode ocorrer durante a sua apresentação na Chiquita. Ela afirma que tal ação não afeta o poder de sua entrega e muito menos a força de sua devoção, independentemente dos julgamentos alheios. Inclusive, ela admite perceber um maior acolhimento das pessoas por se tratar do período nazareno: "A minha fé vai ser demonstrada não estando na corda, mas estando no show! [...] Eu acho que no Círio o LGBT ele se sente, querendo ou não, um pouco mais acolhido!".⁵⁷

Uma travesti que se apresentou na Chiquita, assim discorreu sobre sua manifestação de fé no momento do Círio:

O que baseia o Círio é a fé, eu acho que não é Nossa Senhora de Nazaré, não seria Jesus Cristo, eu acho que seria a fé que as pessoas têm em seus corações. [...] Eu acho que a nossa fé, ela pode realizar nossos sonhos, ela pode nos colocar pra frente.⁵⁸

Percebe-se que os participantes o tempo todo reiteram suas devoções e principalmente as emoções vivenciadas através do cortejo do Círio, sobretudo quando da passagem do cortejo da santa, margeando a praça onde acontece a Festa da Chiquita. Em alguns momentos, fica evidente o quão tênue demonstra ser a relação entre a comunidade LGBT e a religião, motivada sobretudo pela discriminação oriunda dos dogmas fundantes das doutrinas eclesiais. Somam-se a isso os direcionamentos estatais, que por vezes operam sob uma linha conservadora, agindo na contramão de uma laicidade que deveria ser constitucionalmente cumprida.

Elói Iglesias afirma que "é um direito que essa população tenha fé. Existe uma ditadura da fé, as pessoas acham que LGBT não pode ter fé, que a festa não pode ser uma homenagem".⁵⁹ Nessa direção, Pereira acrescenta que a Chiquita "tem reza antes da festa e distribuição de prêmios".⁶⁰

Um dos meninos que se travestem para se apresentar na Chiquita se declarou como seguidor da corrente evangélica, nos contando como é vivenciar o preconceito diante de sua prática religiosa: "Não digo preconceito, (mas) exclusão! Na verdade, depois

⁵⁷ Fragmento de Entrevista com Brincante 02, out. 2021.

⁵⁸ Fragmento de Entrevista com Brincante 03, out. 2021.

⁵⁹ YURI, *Organização garante 'Festa da Chiquita' na véspera do Círio*.

⁶⁰ PEREIRA, *Festa da Chiquita*, s/p.

de eu me assumir homossexual, acho que teve um grande afastamento de muitas pessoas dentro da igreja a mim. No caso atualmente eu frequento, mas não participo, só assistindo”.⁶¹ Pelo relato, nota-se que houve uma espécie de silenciamento, distanciando-o de uma participação mais efetiva na igreja que sempre visitou.

Ao abordarmos uma religiosa participante do Círio, sobre a devoção apresentada pelo público da Chiquita, assim ela opinou, apontando a questão da hipocrisia no cenário religioso:

Até porque essa questão de você gostar do profano não quer dizer que você é uma pessoa que você não possa ter uma fé, professar uma fé, independentemente de religião. Eu acredito que existe muita hipocrisia em questão de religiosidade. Tem gente que tá dentro da igreja professando uma fé, com a bíblia debaixo do braço (e nem sempre são aquilo que parecem)... Eu já quebrei esse paradigma há muito tempo.⁶²

Apesar de tudo, há um grande consenso na comunidade LGBT sobre a notória participação de muitos de seus membros como propulsores dos ritos católicos, contribuindo para o andamento das celebrações litúrgicas. “Até mesmo porque a gente tem um público muito grande de católicos que são LGBTs, né? E que vivem pra igreja”.⁶³ Um dos organizadores da Festa da Chiquita assim expressa sobre a devoção de seu público à santa taumaturga:

Na verdade, é muito grande, a maioria da comunidade LGBT está incluída na quadra nazarena (atuando dentro das paróquias) porque a gente tem muitos LGBTs que são coroinhas, a gente tem muitos LGBTs que estão dentro da igreja católica, que pagam promessas. [...] Você vê aí milhares e milhares de LGBTs fazendo promessas, estando nas missas[...].⁶⁴

Tais testemunhos apontam para a necessidade de um maior exercício de combate à intolerância religiosa que paira sobre a comunidade LGBT, exclusão essa diretamente associada à esfera devocional. Sobre essa abordagem, Elói, de maneira firme, nos expôs o que segue: “As bichas são muito católicas! bicha reza! bicha reza o terço... elas vão para a festa da Chiquita e elas estão com a santinha delas. [...] Tem devoção, existe devoção! Elas fazem (pedidos) hoje e já tem promessa até a Chiquita”.⁶⁵

Pelo exposto, fica evidente a devoção entre os membros da comunidade, ainda que sempre acompanhada de receios, dúvidas e, não poucas vezes, ausência de empatia por parte de outros companheiros religiosos. Phillippe e Netília questionam se “em meio às tantas homenagens e aos milhares de devotos de Nossa Senhora de Nazaré, as filhas da Chiquita também são filhas de Maria? Há quem diga que sim. Há quem diga, ou melhor, brade, que não”.⁶⁶ Dotada de um preconceito patente, uma das devotas entrevistadas foi categórica ao julgar desnecessária a Festa da Chiquita em meio ao Círio:

Eu acho inapropriado, porque afinal de contas a gente está homenageando a santa e não nenhuma sexualidade em particular. Eu acho que sexualizar é uma coisa muito

⁶¹ Fragmento de Entrevista com Brincante 03, out. 2021.

⁶² Fragmento de Entrevista com Devota 01, out. 2021.

⁶³ Fragmento de Entrevista com Brincante 01, out. 2021.

⁶⁴ Fragmento de Entrevista com Organizador da Chiquita, out. 2021.

⁶⁵ Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, fev. 2021.

⁶⁶ FERNANDES; SEIXAS, *No Círio de Nazaré*, p. 251.

Íntima da pessoa e não é pra ser divulgado assim. Eu nunca achei correto eles fazerem parada e acharem que porque são da maneira que são, todo mundo tem que saber o que eles são ou não são. Eu acho isso: inapropriado. Não tem justificativa, ao meu ver.⁶⁷

Importante ter a noção de que tal fala representa o pensamento de uma significativa parcela da sociedade que, autoproclamada conservadora, emite preconceitos contundentes, tendo visíveis dificuldades em lidar com as diferenças.

Foucault enfatiza que a repressão foi “o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade”, com um puritanismo moderno impondo um “tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo”.⁶⁸ Esse autor pontua a questão religiosa como estimulante à rejeição ao corpo, reforçando um distanciamento entre os aspectos sexuais e religiosos, como se eles não fossem passíveis de convivência. Inobstante, ele afirma que um poder que reprime o sexo é pobre em seus recursos, econômico em seus procedimentos e monótono em suas táticas, pois nada ele pode contra o sexo e o uso dos prazeres, salvo dizer-lhes não, de modo que “onde há poder há resistência”.⁶⁹

Nessa mesma direção, Pereira destaca uma importante menção de Iglesias: “Não é só hétero que tem fé. Nós queremos homenagear Nazaré e também ser respeitadas. Ninguém precisa mais se esconder”.⁷⁰ Em praticamente todos os discursos da Chiquita, seja dos organizadores, políticos, artistas e outras personalidades engajadas na causa gay, há uma menção honrosa à Santa Padroeira, a querida Nazinha, como intimamente é chamada pelos paraenses.

Ainda sobre esse aspecto devocional durante a Festa da Chiquita, Elói desta forma objeta: “Eu acho que Deus é pra todos e eu acho que Nossa Senhora de Nazaré na verdade ela gosta é da gente, que somos pessoas que estamos ali livres, estamos respeitando o outro, que queremos amar, e não tem coisa mais bicha do que isso, né? De querer amar ao próximo”.⁷¹

Um dos reconhecimentos importantes para a comunidade LGBT seria o de um acolhimento mais contundente da Igreja em relação aos novos formatos de família, outras configurações fora do enquadramento heteronormativo. Importante lembrar que o Papa Francisco, chefe da Igreja Católica no mundo, tem sido bastante solidário à causa LGBT, mesmo entendendo que se trata de uma bandeira pesada para lidar diante dos dogmas da Igreja. Infelizmente, um dos organizadores da Chiquita, assim nos lembra:

Na verdade, pela comissão do Círio a gente nem existiria. [...] A única coisa que eu tenho que falar em meio a toda essa história, é que quanto mais eles resistirem à gente, mais a gente vai resistir a eles. A gente vai fazer, vai continuar com essa programação, eles querendo ou não.⁷²

Essa intolerância com a Festa da Chiquita já rendeu vários obstáculos, como a redução do tempo de sua duração, a diminuição do palco, o descaso de alguns órgãos ao perderem ofícios encaminhados quando do período de produção da festa, dentre outros. Para se ter uma ideia, são mais de 10 licenças que precisam ser expedidas para que a

⁶⁷ Fragmento de Entrevista com Devota 02, out. 2021.

⁶⁸ FOUCAULT, *A história da sexualidade I*, p. 09.

⁶⁹ FOUCAULT, *A história da sexualidade I*, p.104.

⁷⁰ PEREIRA, *Festa da Chiquita*, s/p.

⁷¹ Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, fev. 2021.

⁷² Fragmento de Entrevista com Organizador da Chiquita, out. 2021.

festa possa acontecer, mesmo sendo reconhecida pelo IPHAN como elemento importante na conjuntura do Círio. Daí porque a resistência dá o Norte a esse movimento cultural.

Há uma demonização [...] somos chamados de filhos do demônio para os evangélicos, são 43 anos sofrendo demonização, de que não somos filhos de Deus. Somos a liberdade, a diversidade, isso incomoda a sociedade. Tem órgãos que nem leem nossos ofícios, outros perdem, mas não tem nada não: Eles passarão, e nós passarinho!⁷³

A festa da chiquita é uma festa diversa, plural, democrática, onde as pessoas se despem das máscaras sociais para experimentarem serem elas próprias, livrando-se das duras amarras do preconceito, permitindo-se momentos de paz, alegria e regozijo, numa excepcional conexão entre o lazer e a devoção, por que não? Essa é a Chiquita!

6. Considerações finais

Ao longo dessas linhas, pudemos identificar as inúmeras imbricações que são possíveis de se relacionar com a Festa da Chiquita. Um evento de algumas horas, uma vez por ano, mas com um significado politicamente pujante, recheado de alteridades que a deixam ainda mais interessante.

A Chiquita fala de vidas sabotadas, mas que durante a festa são gozadas na sua plenitude e em tom de liberdade. Há quatro décadas ela dá o seu recado, sua parcela de contribuição para que a renovação do mundo aconteça, ao levantar uma bandeira nada leve, mas que imprime o que há de mais contundente na personalidade LGBT: a sua alegria! Esse contentamento que muitas vezes é escondido como forma de proteção, trancado nos armários, vitimado pelo preconceito.

Uma festa que enreda colaborações de níveis cultural, social, político e até econômico, e que se conecta à religião de uma forma descontraída, exaltando Nossa Senhora de Nazaré do seu jeito, não menos devoto, na certeza de contar sua sensível proteção.

Um evento que promove a diversão e chama a atenção para causas favoráveis à população LGBT, conseguindo, além de tudo, movimentar uma significativa cadeia econômica, sobretudo relacionada à Economia Popular. No decorrer da festa, até mesmo antes e também um pouco depois dela, dezenas de vendedores ambulantes trabalham em prol do seu sustento, nas ruas, a fim de arrecadar uma renda extra que possa garantir muitas vezes o básico para suas famílias.

Por se encontrar aglutinada a uma grande festa religiosa, a Chiquita revela-se como uma prática social de lazer em um formato um tanto peculiar, ao exercitar num só pedaço, a devoção e a diversão, o sagrado e o profano. Daí por que suscita uma série de questões sobre seu modo de se colocar, de existir.

Ficou evidenciada a relevância sociocultural e política que a Festa da Chiquita possui, ao combater o preconceito estruturado sobre a comunidade LGBT, inclusive no âmbito da expressão devocional. Como visto, foram demonstradas as bandeiras levantadas pela Festa, suas causas no combate ao preconceito, bem como a importância

⁷³ Trecho do discurso de Elói Iglesias, durante a Festa da Chiquita realizada em 09 de outubro de 2021, em referência a famosa frase de Mário Quintana: *"Eles passarão, Eu passarinho"*.

de se estar há quatro décadas ocorrendo junto ao Círio de Nazaré. Nela, corpos silenciados vivem seus dias de protagonismo, sobretudo os corpos travestis que apresentam seus shows performáticos.

Diante do exposto, foi possível enfatizar a força do público da Chiquita e a necessidade de acolhimento de políticas públicas no combate ao preconceito e na conquista de direitos. A questão da criminalização da homofobia, somada ao direito à devoção e à visibilidade das existências LGBTQIA+, em suas plenitudes, foram abordadas. Há também um desejo quanto à manutenção do direito ao casamento civil e à adoção, sem qualquer discriminação.

Num país com o mais alto índice de assassinatos de pessoas da comunidade LGBT, todas as ações solidárias a esse grupo serão sempre absolutamente pertinentes e bem-vindas. Apenas entre janeiro e abril de 2023 já foram 80 mortes,⁷⁴ e, destas, 50 de pessoas travestis e mulheres trans. Alguns direitos já foram conquistados, mas é preciso avançar. A criminalização da homofobia ocorreu via Supremo Tribunal Federal em 2019, equiparando-a ao crime de discriminação racial. Porém, a comunidade ainda não goza de uma legislação própria promulgada pelo Congresso. O direito ao casamento civil e à adoção permanecem válidos, mas há sempre uma faísca de diálogo com o retrocesso diante de um conservadorismo que tem se espalhado no legislativo federal.

Um dos reconhecimentos importantes para a comunidade LGBT seria o de um acolhimento mais contundente da Igreja em relação aos novos formatos de família, às outras configurações fora do enquadramento heteronormativo.

Mais especificamente, em se tratando da Festa da Chiquita, ações pontuais poderiam tornar o evento mais visível e passível de uma viabilidade mais confortável em sua realização, a exemplo de prévias que pudessem ocorrer, inclusive em clubes fechados, visando a arrecadar recursos para o evento maior.

O povo brasileiro é festeiro por excelência, e a festa religiosa do Círio é um acontecimento grandioso não apenas pelo expressivo número de participantes, mas principalmente pela riqueza cultural que a ele se conecta. E a Chiquita é presença incontestante nesse contexto.

Como sugestões para novos estudos, recomendamos o aprofundamento de festas que tenham cunho político e social, discorrendo sobre cada uma de suas possíveis conexões. A Festa da Chiquita, por exemplo, poderia ser estudada sob o aspecto eminentemente religioso, com foco em sua estrutura devocional que é bastante peculiar. Em relação ao Círio, festas como o Auto do Círio e o Arrastão do Pavulagem são propostas férteis de trabalho acadêmico na área do lazer, inclusive associadas à economia popular.

Acreditamos estar vivenciando um momento único de conscientização dos erros passados e reflexão do presente, com uma chance ímpar de encararmos o tempo atual para, com a contribuição da ciência e da tecnologia, procurarmos corrigir os danos que vêm sendo causados à sociedade. Urge pensar cada vez mais na coletividade, como razão absoluta de manutenção sustentável da vida humana.

De fato, podemos indagar se, por meio da educação, seria possível contribuir para a promoção de uma nova consciência social. Seria possível abrir portas para inovações enriquecedoras, que tornem a vida mais justa e interessante? Karla, Khellen e José

⁷⁴ Informação publicada no perfil da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais – ANTRA no Instagram, no dia 15/05/2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsRwqPYvolE/>. Acesso em 16 maio 2023.

Alfredo apontam que há nos estudos atuais um desafio em se interpelar o lazer entrelaçando-o a práticas sociais mais complexas. Para esses autores, ao dar voz às minorias, contribui-se para que se consiga alargar o conceito de lazer, percebendo-o de um modo diferente, mais acolhedor.⁷⁵

Tomados por um olhar foucaultiano, sonhamos com intelectuais destruidores das evidências e das universalidades, conscientes de que cada luta anuncia novas lutas e movimentos profundamente necessários.⁷⁶ Sabemos que a jornada é longa. Mas também sabemos que acolher essa temática é um exercício do esperar, na direção de modos de habitar o mundo e dar sentido à vida de forma mais equânime, que caminhe na direção de todas as formas de justiça social. Esperamos apontar espaços de discussão que convidem a pensar e a viver ações e reflexões que caminhem para a dignidade e o respeito. Com a confiança "Nelas": *Viva a Chiquita e Salve Nossa Senhora de Nazaré!*

⁷⁵ COSTA; SOARES; DEBORTOLI, *Lazer e alteridade em "outros" modos de viver*, p. 357.

⁷⁶ "Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; [...] que contribui no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (quero dizer qual revolução e qual pena). Que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la". (FOUCAULT, *Microfísica do poder*, p. 362).

Referências

- AGUIÃO, Sílvia. *Fazer-se no "Estado": uma etnografia sobre o processo de constituição dos "LGBT" como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/k8vc4/pdf/aguiao-9788575115152.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.
- ALMEIDA, Miguel Valle de. Orientação sexual e direitos humanos universais. In: ALMEIDA, Miguel Valle de. *A Chave do Armário: homossexualidade, casamento, família*. Florianópolis: EDUFSC, 2010. pp. 25-43.
- ALTMAN, Max. Hoje na História: 1978 - Ativista por direitos LGBTQIA+ Harvey Milk é assassinado em São Francisco. *Operamundi.uol*, São Paulo, 27 nov. 2013. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/historia/32627/hoje-na-historia-1978-ativista-por-direitos-LGBTQIA+-harvey-milk-e-assassinado-em-sao-francisco>. Acesso em: 06 jan. 2020.
- ALVES, Isidoro Maria da Silva. *O carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BRITO, Arthur Erik Monteiro Costa de Brito; GOMES, Dérick Lima. A festa da chiquita: espaço sagrado e profano na fé-sta do Círio de Nazaré – Belém-Pará. *Revista de Geografia*, Recife, v. 33, n. 1, pp. 208-227, 2016.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- COSTA, Antônio Maurício Dias da. A festa dentro da festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. *Campos*, v. 7, n. 2, pp. 83-100, 2006.
- COSTA, Karla Tereza Ocelli; SOARES, Khellen Cristina Pires Correia, DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer e alteridade em "outros" modos de viver: aproximações com a antropologia. *Licere*, v. 19, n. 1, pp. 356-393, 2016.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. No Círio de Nazaré, as filhas da Chiquita também fazem a festa: resistência, conflitos e reinvenção de uma urbe amazônica. *Revista EcoPós*, v. 21, n. 3, pp. 247-264, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2021.

GABBAY, Marcelo M. Representações sobre o carimbó: tradição x modernidade. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 9, maio 2010, Rio Branco. *Anais [...]*. Rio Branco: Intercom, 2010. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0223-1.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

GONZÁLEZ, Ángela Sierra. Una aproximación a la teoría queer: el debate sobre la libertad y la ciudadanía humanidades. *Cuadernos del Ateneo*, n. 26, pp. 29-42, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/235095>. Acesso em: 20 mar. 2023.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

LEITE, Vanessa Jorge. "Impróprio para menores?" Adolescentes e diversidade sexual e de gênero nas políticas públicas brasileiras contemporâneas. 2014. 364f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Centro Biomédico, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.bdtu.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7182. Acesso em 24 jan. 2024.

MONTARROYOS, Heraldo Elias. Veado e veadeiros na procissão do Círio de Nazaré: o mito medieval português de Dom Fuas Roupinho reencenado inconscientemente na Festa gay da Chiquita. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI*, n. 6, pp. 1-22, maio de 2018. Disponível em: <https://www.iscap.pt/cei/e-rei/pt/n6.html>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MONTEIRO, Mayra. Círio é festa popular, plural e diversa. *O liberal*, Belém, ano 75, n. 36.960, p. 71, 9 e 10 out. 2021.

MORAES, Daniel Cardoso de Lima de. *Memórias de uma Chiquita Bacana: uma breve história da Festa da Chiquita em Belém do Pará, suas dificuldades e lutas*. 2022. 25 f. Artigo (Especialização em Ensino de História e América Latina) – Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo. Diálogos entre corpografia e etnografia. *Ponto Urbe*, n. 19, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3316>. Acesso em: 24 jan. 2024.

PAIVA, Vitor. Como e porque nasceu a bandeira arco-íris do movimento LGBTQIA+Q+ e o que Harvey Milk tem a ver com isso. *Hypeness*, 2 jul. 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/07/como-e-porque->

[nasceu-a-bandeira-arco-iris-do-movimento-lgbtq-e-o-que-harvey-milk-tem-a-ver-com-isso/](#). Acesso em: 24/01/2024.

PEREIRA, Felipe. Festa da Chiquita: o baile gay e trans no meio da maior procissão do país. *Uol notícias*, Belém, 13 out. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/10/13/festa-da-chiquita-o-baile-gays-e-trans-no-meio-da-maior-procissao-do-pais.htm>. Acesso em: 24 jan. 2024.

PEREZ, Léa Freitas. Festa, religião e cidade entre Brasil e Portugal: olhares compartilhados. *CIES e-Working Paper*, n. 209, 2017. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/14531>. Acesso em: 24 jan. 2024.

PEREZ, Léa Freitas. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

ROZÁRIO, Elton Santa Brígida do. Para além da plumas e paetês: Movimento LGBTQIA+ no enfrentamento da LGBTQIA+FOBIA. In: ENCONTRO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, 16., 2018, Vitória-ES. *Anais [...]*, Vitória, 2018.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. "Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana..." notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. *Gênero na Amazônia*, n. 6, pp. 183-212, jul./dez. 2014.

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2015.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

YURI, Alexandre. Organização garante 'Festa da Chiquita' na véspera do Círio. *G1*, Belém, 09 out. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2015/noticia/2015/10/organizacao-garante-festa-da-chiquita-na-vespera-do-cirio.html>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SOBRE OS AUTORES

Bartos Batista Bernardes

Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2023). Mestre em Gestão Empresarial pela FBV/DeVry - Recife-PE (2014) e Professor Efetivo do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI. *E-mail:* bartos.bernardes@ifpi.edu.br.

José Alfredo Oliveira Debortoli

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Educação pela FaE/UFMG e Professor dos Cursos de Graduação em Educação Física EEEFTO/UFMG; e do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer EEEFTO/UFMG. *E-mail:* dbortoli@eeffto.ufmg.br.